

CRÔNICA

Orlando Pontes • ojpontes@gmail.com



Pô, Pepeu! E agora, quem vai mandar meu PDF?

Existem pessoas que se tornam mais conhecidas pelo apelido do que pelo nome de batismo. Exemplos não faltam nos esportes, nas artes e em todas as atividades humanas: Pelé, Garrincha, Tostão, Xuxa, Silvio Santos e tantos outros. E assim também é na vida real. No círculo de amigos da minha família, temos o Pacheco, o Dinho, o Ronaldinho (que se chama, na verdade, Gabriel), o Capião, o Tatá, o Tucho, o Del, o Peitin, o Rabicó...

Entre os amigos das antigas, de um, em especial, eu sinceramente não me lembrava o nome que ele carregava na certidão de nascimento: o Pepeu. Nos conhecemos na faculdade, em meados dos anos 1980, no curso de Comunicação do Ceub. Depois, ele seguiu para a publicidade e eu para o jornalismo.

Há pouco tempo, nos reencontramos, numa visita que fiz à Secretaria de Comunicação do GDF, onde ele estava trabalhando. Foi uma alegria relembrarmos algumas histórias do passado, embora não fizessemos parte do mesmo grupo em sala de aula. Ele era mais chegado ao Olímpio,

ao Mauro, ao Corban e ao Tonzé. Eu, ao Ismar, ao Júlio, à Marita e à Ana Cristina. Mas nos tornamos todos amigos.

A partir de nosso reencontro, Pepeu, como era do seu feito, tratou de encontrar uma maneira de nos comunicarmos com mais frequência quando o Correio passou a publicar minhas esporádicas maltraçadas nas edições das revistas de sexta-feira e domingo, após a passagem do saudoso e insubstituível Paulinho Pestana, em março de 2024.

Logo na minha primeira contribuição para este espaço, ele ligou parabenizando pelo texto. E enviou um PDF (imagem digitalizada da página

impressa). Achei fantástico, e confessei que não tinha habilidade para aquela operação – no máximo, fotografo a página de papel e encaminho para algumas pessoas.

Sabedor dessa minha inabilidade digital, ele passou a encaminhar o material sempre que saía alguma nova crônica no jornal. A última vez foi no domingo, 14 de dezembro, quando escrevi algo sobre um show do Geraldo Azevedo em Olhos d'Água, distrito de Alexânia (GO). E deixou um delicado comentário: "Muito legal a crônica. E bem emocionante a homenagem ao Irlam".

Duas semanas depois, também num domingo, recebi uma

mensagem do Tonzé em busca de notícias do Pepeu. "Tivemos informação sobre o falecimento dele". Imediatamente, telefonei para o Pepeu, que não atendeu.

Preocupado, liguei para pessoas da Secom. Recebi de volta apenas um banner com a foto e a informação: "Maurício de Carvalho Sampaio (...) Sepultamento às 11h30 do dia 22/12/25". Só então me lembrei do nome do Pepeu na chamada da classe. E chorei antes mesmo de encaminhar a mensagem para o Tonzé, para o Mauro, para o Olímpio...

Na segunda (21/12), no velório, diante de uma capela lotada de pessoas e coberta por coroas e arranjos de flores, constatei o quanto Pepeu era querido. Em nome do grupo que não pôde comparecer, cumprimentei Cyra, a viúva. Não tive coragem de falar com os filhos Mayara, Luísa e João. Tampouco com os irmãos e demais familiares.

Hoje, após ter sido obrigado a lembrar de forma tão dura que Maurício de Carvalho Sampaio partiu tão precocemente, aos 59 anos de idade, só tenho certeza de uma coisa: Pepeu continuará vivo para sempre nos corações de todos nós. Mas me resta uma dúvida: quem vai me mandar o PDF deste texto?

